

Entrevista com as participantes do projeto “A filosofia da ciência e a bioética como instrumento de crítica à história da pesquisa em saúde feminina”

Nesta edição entrevistamos as participantes do projeto “A filosofia da ciência e a bioética como instrumento de crítica à história da pesquisa em saúde feminina”, o qual possui como principal objetivo discutir as problemáticas que envolvem a saúde feminina sob a luz da Filosofia. Vamos conhecer um pouco mais desse projeto? O projeto é apresentado pela perspectiva da coordenadora, professora Angélica Antonechen Colombo, e das estudantes do 4º ano do Curso Técnico Integrado em Automação Industrial do *Campus* Campo Largo, bolsistas do projeto, Amanda Fila, Isabelle Soares Rodrigues e Júlia Vitória Bianco.

Para além da entrevista, na página 32 você poderá conferir o relato de experiência do projeto, atualmente contemplado nos editais do Programa Institucional de Educação em Direitos Humanos (PIDH – Diext/Proeppi) e do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic Jr. – Dipe/Proeppi).



Júlia Vitória Bianco, Ana Luiza Goularte, Jéssica Fedalto e Prof^a Angélica Colombo durante o evento do Fciências. Foto: Divulgação.

Descrevam um pouco sobre os projetos que vocês desenvolvem no IFPR *Campus* Campo Largo.

Angélica: O projeto, desenvolvido desde 2020, tem como principal objetivo discutir as problemáticas que envolvem a saúde feminina sob a luz da Filosofia.

Isabelle: O projeto de Saúde Feminina procura meios de garantir que todas as mulheres possuam acesso aos recursos necessários para que se tenha uma saúde

feminina digna e busca fornecer todas as informações essenciais sobre o corpo da mulher. Focamos bastante em um problema que atualmente não é tão conhecido chamado pobreza menstrual, ou seja, mulheres que não tem condições financeira e sanitária para sua saúde menstrual. Com esses temas, efetuamos arrecadação de absorventes das próprias alunas e os disponibilizamos nos banheiros do campus. Além disso, já fizemos doações, por

meio de outras campanhas, para o centro POP (centro de população de rua). Também desenvolvemos um perfil no instagram chamado “o_segundosexo_”, onde postamos diversas informações sobre a saúde da mulher e até mesmo curiosidades que muitas não conheciam.

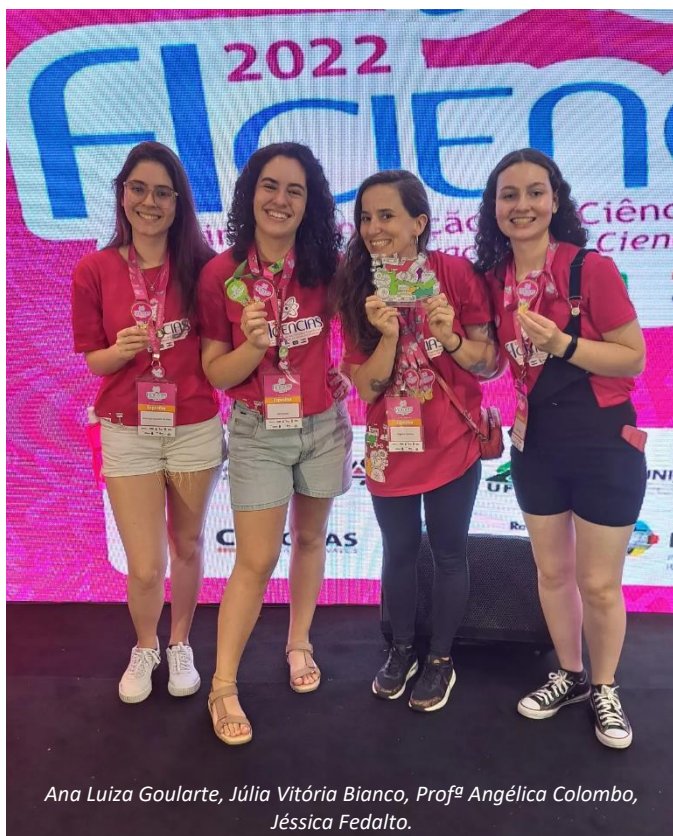
Para vocês, qual a motivação para desenvolver ações nessa área?

Angélica: A principal motivação são as dificuldades em encontrar debates acerca da saúde feminina no meio acadêmico e a realidade tão desigual que as mulheres enfrentam no nosso país para ter acesso aos direitos mais básicos.

Amanda: A principal motivação é a desigualdade social que vemos constantemente. Nossa campanha de arrecadação de itens de higiene, por exemplo, não consegue mudar a realidade de muitos, mas, aqueles que receberam a contribuição com certeza tiveram uma ajuda significativa.

Vocês foram premiadas em diversas categorias na XI Feira de Inovação das Ciências e Engenharias - Fciências, realizada em 2022, como foi essa experiência?

Júlia: Para mim, a XI Fciências foi a realização de um sonho que nem sabia que tinha. Eu nunca nem imaginei que era possível participar de um projeto tão relevante, reconhecido em diversos eventos. A experiência do evento todo foi incrível, conhecer outros projetos, falar com pessoas de outras realidades, receber feedbacks... tudo isso fez essa experiência ser única e inimaginável. A premiação foi uma surpresa muito bem vinda, surpresa porque nós sabemos os tabus que envolvem a nossa



Ana Luíza Goularte, Júlia Vitória Bianco, Profª Angélica Colombo, Jéssica Fedalto.

temática e o quão difícil é adentrar em alguns espaços com elas, ainda mais se tratadas de ciências sociais aplicadas e ciências humanas, que acabam perdendo espaço para outras áreas nesse tipo de evento. Porém, quando chamaram o nome do IFPR Campo Largo, nós soubemos que ao menos ali nós tínhamos feito um bom trabalho, um trabalho que merece ser levado adiante.

Qual a relevância desse reconhecimento para a pesquisa de vocês?

Amanda: Imensurável. Não somente pelo sentimento de gratificação e pela sensação de estar fazendo uma mudança positiva, mas também por poder ter a certeza de que realmente há um interesse cada vez maior na área, e, com tal movimentação podemos fazer a diferença na vida de muitas pessoas.

Além desse importante prêmio, quais outras conquistas o projeto obteve?

Júlia: Antes da Fciências 2022 nós havíamos participado de alguns eventos online, como a própria Fciências 2021, onde ganhamos 1º lugar na categoria Ciências Sociais Aplicadas, passaporte Febrace e 1º lugar em Desenvolvimento Sustentável - perspectiva social. O projeto também participou da MilSet em 2021, conquistando o 2º lugar em Ciências Humanas. Na FBIC 2022 conquistamos o 3º lugar em Ciências Humanas. Após isso, veio a XI Fciências, primeiro evento presencial, e depois do ótimo desempenho ganhamos o Passaporte Febrace, dessa vez para a feira presencial. Foi incrível levar a nossa pesquisa para a maior feira de ciências e engenharia do Brasil! Em 2023 também pudemos participar do VIII Seminário de Extensão, Ensino, Pesquisa e Inovação do IFPR (SE²PIN), com as duas vertentes do projeto: “Políticas Públicas em educação sexual e pobreza menstrual no Brasil” e também “A problemática da pobreza menstrual: aprimoração de protótipo para produção de absorventes a baixo custo - fase 2”. Na premiação conquistamos 2 prêmios: 1º lugar na categoria Ciências Sociais Aplicadas e prêmio Destaque em Inclusão.

Qual a importância, na opinião de vocês, da produção científica voltada a discutir questões referentes às mulheres na educação profissional e tecnológica?

Angélica: Extremamente importante. Sabemos que os espaços de qualificação e produção do conhecimento sempre negligenciaram a presença das mulheres e até mesmo inviabilizaram suas produções científicas. Isso acontece, pois, a ideia de que existe uma essência feminina, sempre permeou diversos espaços na sociedade. Pensava-se que a mulher não teria condições e capacidades para estar à frente de pesquisas científicas, por exemplo. Apesar de muita coisa ter mudado, ainda enfrentamos dificuldades para acessar os espaços de educação profissional e tecnológica. Por isso, é tão importante debatermos sobre a presença das mulheres nos espaços de produção científica.

Isabelle: As mulheres sempre foram consideradas o sexo frágil por esse mundo, desde antigamente até a atualidade. Nos dias de hoje ainda vemos essa diferença de tratamento entre mulheres e homens, onde temos muitos exemplos decorrentes como, se uma mulher chegar em uma determinada posição de poder ela não será reconhecida por sua capacidade, e sim porque ela é bonita ou outro fator sexual. Por esses fatores, é de extrema importância a produção científica voltada a discutir questões das mulheres na educação profissional e tecnológica para que assim possa haver menos desigualdades de gênero, promovendo a igualdade e maiores oportunidades entre as mulheres. Além disso, será de grande relevância na desconstrução de estereótipos de gênero que rebaixam as mulheres. As pesquisas relacionadas a essa área podem conscientizar a sociedade da igualdade de gênero na educação profissional e tecnológica, quebrando os estereótipos enraizados na população.

Vocês acreditam que promover estudos que denunciem as disparidades de gênero seja uma ferramenta na luta por mudança social?

Angélica: Com certeza! Por meio do projeto, não só atingimos estudantes interessadas em realizar pesquisa científica no ensino médio integrado, ao todo tivemos 9 bolsistas, mas também, promovemos debates acerca das questões de gênero, o que pode, indiretamente, proporcionar grandes mudanças para quem conheceu nosso trabalho. Nosso trabalho não circula apenas no meio acadêmico. Também realizamos campanhas de arrecadação de itens de higiene feminina, tanto para a comunidade, quanto para o campus. Além disso, produzimos o perfil [@o_segundosexo_](#) no instagram, que trata exclusivamente de temas em saúde feminina.

Amanda: Com a mais absoluta certeza. Muitas pessoas não conseguem ver mulheres da mesma forma que veem homens na sociedade devido ao contexto machista em que estiveram inseridas pela maior parte de suas vidas. Estes estudos trazem um campo de visão vindo de uma perspectiva completamente diferente, muitas vezes sendo capazes de mudar a mentalidade destas pessoas, fazendo com que comecem a ter atitudes diferentes.

Quais os desafios para o desenvolvimento de pesquisas que pautam questões de gênero?

Angélica: Ainda existe muito preconceito quando se fala sobre pesquisas que pautam questões de gênero. Em uma sociedade pautada pelo machismo e pelo preconceito, o ato de trazer à tona as desigualdades de gênero causa estranheza e revolta, por questionar o status quo e as relações de poder na sociedade. Desconstruir uma estrutura social que se alicerça através da segregação de indivíduos, como quando inviabilizam mulheres, pessoas

pretas, indígenas e LGBT, gera revolta e medo, pois as pesquisas que pautam as questões de gênero mostram o funcionamento desigual da sociedade.

Júlia: O maior desafio que enfrentamos é o preconceito, sem dúvida. O preconceito priva as pessoas de se abrirem a novos pontos de vista sobre diversas temáticas, quanto às questões de gênero não é diferente. A vivência de “bolhas” que vêm se tornando cada dia mais comuns na internet não ajuda muito, não ver diferentes pontos de vista, não se abrir as discussões e debates saudáveis são o maior problema, a persistência desse pensamento não permite que as pessoas desenvolvam o senso de evolução quanto as próprias opiniões, o que é muito problemático. Projetos como o nosso só se tornam realmente eficazes a partir do momento que o público se permite entender o que desejamos passar, os problemas sociais que desejamos enfrentar e o quão benéfico isso pode ser para o corpo social.



Júlia Vitória Bianco e Profª Angélica Colombo durante a Febrace.

O que vocês esperam e desejam para o futuro de mulheres que produzem ciência?

Angélica: Espaços e oportunidades para realização de projetos que envolvam mulheres. Fim do preconceito de gênero e incentivo para que mais meninas e mulheres possam produzir ciência.

Isabelle: Eu espero e desejo que cada vez mais se abram caminhos e oportunidades para as mulheres na ciência, que possamos ser reconhecidas e receber créditos por nossa participação e tenhamos valorização pelo nosso trabalho e capacidades científicas, inspirando outras meninas e mulheres que venham a seguir esse caminho. Que possamos frequentar ambientes livres de preconceitos e assédios, lugares em que seremos ouvidas e respeitadas e não desacreditadas apenas por sermos mulheres. Que os nossos trabalhos sejam responsáveis pelos avanços tecnológicos e científicos e capazes de inovar cada vez mais.